Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

XXVI Volume — 20 de Julho de 1903 — N.º 884

S. E. O CARDEAL ANDRÉ AJUTI
NUNCIO DE SUA SANTIDADE EM LISBOA

CHRONICA OCCIDENTAL

Aconteceu com o papa Leão XIII, cuja extraordinaria resistencia contra a morte espanta os proprios medicos, um caso que, se não é unico, raras vezes ou nunca se daria com tão notaveis particularidades.

Sabido como é que o telegrapho, conforme aquillo do bom philosopho creado por Gavarni, só serve para que a mentira corra mais depressa e venha de mais longe, sabido como é que a curiosidade é hoje mãe de todos os defeitos rendosos, fartou-se o telegrapho de communicar palestras particularissimas, discussões impossiveis e até mortes e embalsamamentos. D'ahi os mais desenvolvidos necrologios ao summo pontifice, quando elle já melhorára, e até, n'um jornal illustrado, a estampa da camara ardente em que o cadaver era exposto.

A anciedade em ser primeiro dá muita vez d'estes resultados.

O grande assumpto será a morte do papa, mas esgotaram-o antes de tempo.

Ninguem acreditaria que houvesse no mundo tantos assassinos. O pobre velhinho vivo, e todos a matal-o, e elle a resistir! Houve até quem o desse por definitivamente morto, e, por mais que de Roma telegraphassem a dizer melhoras, a publicar boletins, a repetir phrases de espirito, continuasse teimando na sua, attribuindo as melhoras a bons desejos, os boletins á má consciencia dos medicos, os ditos de espirito ao cardeal Rampolla.

Papa, Vaticano, futuro conclave, pontificaveis e não pontificaveis, tanto o assumpto foi batido, que quando chegar a hora d'elle ser deveras do dia, já será de ha duas ou tres semanas, talvez de dois ou tres mezes, quem sabe se de dois ou trez annos.

Tanto melhor. A vida do papa, pela qual no mundo inteiro se hão feito rogativas e que já se tem prolongado além dos vinte e cinco annos de papado, que tantos foram os de S. Pedro, até hoje apenas vencidos pelo ultimo papa, Pio IX, a vida de Leão XIII, gloriosa vida, é desejo de todos os catholicos vel-a prolongada, attingir um seculo pelo menos.

De quando em quando, luz uma esperança; logo depois vem o desalento.

São de tão diversas origens os telegrammas, que não ha maneira de desemmaranhar a verdade que dentro n'elles se contenha.

Ha quem se tenha visto afflicto n'estes ultimos dias, escrevendo longos artigos de maneira que lhe seja facil, na revisão de provas á ultima hora, fazer como aquelle tabellião que escreveu: «e onde digo, digo, digo que não digo.»

Os jornaes da manhã, os jornaes da tarde, os jornaes da noite, todos são lidos com avidez, e commentados, acreditados estes, negados aquelles.

E ha quem supponha — e são os mesmos que descrevem as luctas dos cardeaes pela thiara — que estes só estariam de accordo em calarem-se perante o cadaver de Leão XIII, continuando a forjar telegrammas, ouvidos os conselhos dos medicos, sobre peripecias d'uma doença fantastica.

De que se occupariam os jornaes, n'este mez de julho monotono e quente, se lhe não desse columnas e columnas o discutir das contradicções?

Lisboa nada tem fornecido que preste para

PALACIO REAL DA AJUDA
ONDE TEVE LOGAR A CERIMONIA DA IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO
((Photographia d a collecção do sr. F. A. Martins)

chronica a não ser uns crimesitos, ou uma ou outra ballela politica.

Um caso realmente commovente, que ha dias succedeu e fez a muitos verter muitas lagrimas, melhor fôra, segundo um accôrdo antigo, sobre elle ter feito silencio. *Les grandes douleurs sont muettes*, disse o Victor Hugo. Bem fôra que a frase se lembrasse e os corações não dessem gritos para seu desabafo, e as lagrimas cahissem silenciosas.

Para quantos conheciam o excellente rapaz, que um momento de treva em meio de muita luz obrigou a desviar do caminho que alegre seguia para a victoria, para quantos o amavam por tantas qualidades altas que o distinguiam, foram tristes estes dias marcados com pedra negra, da côr do lucio.

Deus lhe dê o descanço que em vida não achou.

Os tempos correm, e o publico indifferente, toda a tragedia esquece. Conservam sua eterna mememoria no intimo d'alma aquelles que soffreram. Até para expansões de dôr o pudor é necessario

O publico tudo esquece, dissemos. Esquece o bem e o mal, aquillo que o faz chorar e aquillo que o diverte. E' como a borboleta de Bocage de flôr em flôr e Anarda de amor em amor. Assim elle anda de noticia em noticia.

Ha coisa d'um anno, um principe russo e uma historia de estampilhas apanhadas a um hespanhol, commoveram meia Lisboa. O homem foi finalmente absolvido, uns estudantes ainda lhe demonstraram uma certa sympathia abrindo para o principe uma subscripção e afinal tudo esqueceu.

Mas antes d'elle já cá tinhamos outro, que, depois, por algumas revelações que fez o russo, mais celebre se tornou. Era o conde Toulouse de Lantrec. Tambem este foi falado, discutido, celebrisado, quando uma casa bancaria de Lisboa se queixou contra elle por qualquer operação que lá foi propôr. Pois agora os jornaes annunciavam seu julgamento apenas em tres linhas.

Tout passe, tout casse, tout lasse, amores como celebridades de intrujões.

Verdade é que o tempo vae mau para grandes enthusiasmos. Nem sequer as pancadas d'agua com que o céo nos mimoseou estes ultimos dias, conseguiram abrandar o calor suffocante.

Não ha maneira de pensar, de raciocinar, de animar-se a gente, com uma temperatura de perto de trinta gráos á sombra. Tudo são queixas, conforme o costume, e, na falta d'outro assumpto, sobre a banalidade do calor se dizem coisas velhas do tempo dos nossos avós.

As terras balneares vão acolhendo os valsistas costumados, e, como sempre n'esta temporada de anno, torna-se a falar na permissão do jogo, nas vantagens da roleta e do monte, no dinheiro que entrava, na animação das praias.

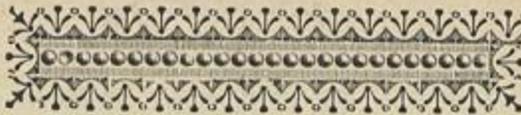
Cascaes sobretudo, por ser aqui mais perto, é a praia que mais chama a attenção n'estes assumptos. Estava-se costumado á voz do banqueiro annunciando os numeros e até os que lá perdêram o que tinham e não tinham se acham costumados á miseria. Querem por força o que era d'antes, não pelo que foi, que decerto lhe não deixou recordações agradaveis, mas pelo que imaginam que ha de ser. Todos sonham com uma desforra. E é isto o que faz o jogador, e é isto o que faz o vicio.

Effectivamente, com o tempo como vae, o que ha de um homem fazer para matal-o? O melhor meio é com certeza o jogo. E' uma cura homœpathica; *Similia similibus*; dar cabo dos calores com calores.

Quem mette dó agora são os pobres rapazes que ainda não acabaram os exames no lyceu e vivem sob o terror do que será. Elles emmagrecem, elles empallidecem; elles passam os dias sobre os livros e as noites a sonhar com raposas. Ha caras de lentes que lhe dão pesadêlos e os dias luminosos das ferias apparecem-lhe lá muito longe, lá muito longe, para além d'um barranco negro que é preciso transpôr.

Ainda os exames de instrucção primaria não começaram; ainda a historia de Portugal, a grammatica, o cathecismo, o systema metrico, dançam n'aquellas cabecinhas uma polka desenfreada que os atordôa, que os enfia, que os põe na espinha. Baralham as sciencias umas com as outras, lembrando as asneiras do Cardoso respondendo ao Valle nas *Noivas do Enéas* de Gervasio Lobato. Respondia pela grammatica ao cathecismo, pelo cathecismo á grammatica e falava no verbo encarnado.

Pobres rapazes.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CARDEAL AJUTI

Foi no dia 14 do corrente que se realisou no Real Paço d'Ajuda a cerimonia da imposição do barrete cardinalicio a monsenhor Ajuti, pro-nuncio apostolico de Lisboa.

A cerimonia revestiu a maior solemnidade e brilho, sendo a concorrencia numerosa e selecta.

Monsenhor Ajuti sahiu do palacio da nunciatura, acompanhado do delegado e de monsenhor Bovière, auditor da nunciatura; do seu mordomo-mór, portador das vestes cardinalicias; registador da nunciatura; conde de Salimei, guarda nobre de Sua Santidade; monsenhor Gualtièri, secretario da nunciatura e monsenhor Herculano Cordeiro.

No prestito figuravam além da carruagem da nunciatura em grande gala, o coche de D. Filippe II e o coche de D. Affonso VI.

Logo que Suas Magestades El-Rei o senhor D. Carlos e a Rainha senhora D. Amelia chegaram a Ajuda, deu-se começo á cerimonia.

O pró-nuncio apostolico foi conduzido á capella do Santissimo para fazer oração e subiu depois com monsenhor Bovieri á capella-mór, onde o auditor da nunciatura depositou em duas salvas de prata, que ali se tinham collocado sobre uma credencia junto do throno armado para El-Rei, o barrete cardinalicio e as lettras pontificias, cobrindo-as com um véo de setim.

O sr. conde de Figueira foi em seguida communicar a El-Rei que estava tudo prompto para a festividade religiosa e começou o desfile do cortejo, que acompanhou a familia real desde as salas até á capella.

Defronte do throno via-se um estrado com duas cadeiras agaloadas a ouro e almofadadas, em que deviam tomar logar o sr. Cardeal patriarcha de Lisboa e o sr. Cardeal arcebispo de Damietta.

Na tribuna real estava Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia e na do corpo diplomatico o pessoal das legações, que estavam todas representadas.

Logo que o cortejo chegou ao corpo da capella deu-se começo á missa celebrada pelo capellão da Casa Real. Finda ella Suas Magestades tomaram assento no throno e os dois cardeaes nas respectivas cadeiras, indo monsenhor Bovieri buscar o breve pontificio que estava sobre uma das salvas e que entregou a monsenhor Herculano Cordeiro, secretario do ablegado apostolico. O secretario fez a leitura do breve pronunciando depois um discurso em latim, no qual annunciava a El-Rei a nomeação do novo cardeal, e que o Santo Padre conferindo ao pró-nuncio apostolico essa dignidade, havia tido em mente premiar os seus longos e importantes serviços á religião e á sociedade.

Exprimindo a alta satisfação por lhe ter sido confiada pelo Santo Padre a missão de depôr nas mãos de Sua Magestade o barrete cardinalicio destinado ao pro-nuncio apostolico, formulou os mais ardentes votos pela longa conservação da preciosa vida de Sua Magestade, da augusta Rainha e da familia real.

Em seguida, monsenhor Bovieri entregou a El-Rei o barrete de purpura, e o pro-nuncio apostolico, ajoelhando sobre uma almofada deante do throno, recebeu das mãos de Sua Magestade a insignia do cardinalato, fazendo uma profunda venia e rendendo ao mesmo tempo as devidas graças ao chefe do estado.

Sua Magestade El-Rei dirigiu então algumas palavras, em portuguez, de felicitação ao sr. cardeal Ajuti, agradecendo ao mesmo passo os votos de prosperidade formulados pelo ablegado apostolico.

D'ali Suas Mgestades acompanhadas da comitiva dirigiram-se ás salas do paço, emquanto o pro-nuncio se paramentava com as vestes cardinalicias n'um aposento da capella que lhe fôra destinado para esse fim.

Esperou ahi o aviso de que El-Rei o aguardava para a audiencia publica, sendo acompanhado ás salas pelos srs. marquez de Fayal e conde da Figueira.

Depois das tres reverencias do estylo, o sr. cardeal Ajuti assentou-se em frente do throno, em uma cadeira de velludo liso, que lhe foi apresentada pelo sr. D. Luiz Lobo da Silveira, porteiro da real camara e pronunciou um discurso em italiano.

Terminadas as cerimonias da imposição do barrete cardinalicio foi servido um *lunch* a todos os personagens da côrte, retirando-se primeiro Suas Magestades e depois o pro-nuncio, que, acompanhado do mesmo prestito com que sahira do palacio da nunciatura ali regressou, havendo á noite recepção á qual concorreu tudo que ha de mais distincto na nossa aristocracia.

* * *

Monsenhor André Ajuti nasceu em Roma a 17 de Janeiro de 1849, contando ao presente 54 annos de idade.

Seu pae Pedro Ajuti descendia d'uma familia natural de Trapani, e sua mãe Thereza Mamella Raguina Leoni, descendia tambem de familia illustre.

Os estudos de monsenhor Ajuti foram brilhantes, e tendo terminado os seus doutorados foi, em 1876, enviado ao Rio de Janeiro como secretario da nunciatura, onde permaneceu durante tres annos aproximadamente, exercendo nos ultimos mezes que ali esteve o logar de encarregado *ad interim* da Santa Sé.

Em 1879 foi nomeado secretario da nunciatura de Munich, sendo em julho de 1882 encarregado da auditoria junto da mesma nunciatura, tornando-se um collaborador infatigavel de Sua Eminencia o cardeal Di Picturo, actualmente nuncio, e nomeado para tratar das difficeis negociações por occasião de serem promulgadas as famosas leis do Kulturkampf na Prussia e na Allemanha.

Em novembro de 1886 monsenhor Ajuti era conselheiro da missão especial enviada ás indias orientaes pelo Santo Padre, para execução da concordata entre a Santa Sé e Portugal, afim de se regularisar o nosso protectorado n'aquellas vastas regiões.

Foi ainda n'esta missão o collaborador intelligente de Sua Eminencia o cardeal Agliardi, que era seu chefe, e ao qual succedeu no mez d'abril seguinte na qualidade de delegado apostolico.

N'essa occasião recebeu dignidade de arcebispo titular d'Avida.

Monsenhor Ajuti proseguiu n'aquella missão durante cinco annos, visitando todas as dioceses, todas as missões e auxiliando o seu desenvolvimento, com tão grande zelo e actividade, que, voltando a Roma em 1891, foi nomeado secretario da Propaganda, para os negocios do Rito Oriental.

Em junho de 1893 Sua Santidade confiou-lhe a nunciatura apostolica de Munich, sendo considerado *personna gratissima* pela côrte e pelo governo.

Nunca as relações entre a Santa Sé e a Baviera foram mais amigaveis e mais cortezes.

A obra de monsenhor Ajuti é considerada da mais subida importancia, e a maneira evangelica como desempenhou a sua nobre missão deixou duradouros traços de união entre a egreja e aquelle paiz.

Foi em junho de 1896 que monsenhor Ajuti succedeu ao cardeal Jacobini, como nuncio apostolico em Lisboa, sendo então, como justa recompensa dos seus altos meritos alvo d'um favor muito particular de Leão XIII, que, por uma bulla pontifical, o transferiu de prelado da egreja de Avida para a de Damietta.

Monsenhor Ajuti é um lettrado e um erudito, conhece a fundo as linguas latina, allemã, ingleza, franceza e portugueza.

Tanto no Rio de Janeiro como nas Indias, Munich e Portugal, monsenhor Ajuti soube conquistar o affecto e o respeito de todos, sem distincção de classe nem de partidos.

Os prelados portuguezes vêem justamente n'elle um amigo e um collaborador dedicado e sincero.

SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAES, DO PORTO

Já no nosso numero 879, de 30 de maio, tivemos occasião de nos referir á illustre fundadora da prestimosa collectividade cujo nome encima este artigo, sr.ª D. Alice Hulsenhos, reproduzindo uma sua photographia e transcrevendo o artigo do sr. Alfredo H. da Silva, que havia sido publicado no nosso collega *O Zoophilo*, consagrado a enaltecer as qualidades d'esta distincta senhora.

Este artigo era commemorativo do 25.º anniversario d'aquella sociedade, que n'esse dia realisava no palacio da Bolsa, do Porto, uma sessão solemne com o duplo fim de festejar a data da sua fundação e entregar á sua benemerita fundadora uma medalha de oiro.

A essa sessão presidiu o sr. dr. Adolpho Pimentel, illustre chefe do districto, secretariado pelos srs. José da Silva Pimenta e visconde de Guilhomil, respectivamente presidentes da assembléa geral e da direcção, fazendo S. Ex.ª o elogio da Sociedade e dos socios que teem concorrido para a sua prosperidade, dos notaveis serviços prestados pela sr.ª D. Alice Hulsenbos, referindo-se ao sr. Silva Leal, secretario da Sociedade Protectora dos Animaes de Lisboa, que ali tinha ido representar esta agremiação, a quem fez inteira justiça dos seus meritos e qualidades, que tão uteis tem sido á causa que defendem as duas Sociedades.

Em seguida o sr. presidente convidou o sr. Sousa Avides, presidente da camara, a fazer entrega á sr.ª D. Alice Hulsenbos da medalha de oiro, que a sociedade, de que fôra fundadora, lhe conferira.

A medalha é muito bem trabalhada, e destaca-se pela perfeição do cunho e pela belleza dos ornatos a filigrana. Na frente vê-se o distico: *Sociedade Protectora dos Animaes. Porto.* e no verso: *A' sua fundadora D. Alice Hulsenbos*, 20-5-1903.

Foi commovedor o discurso com que a sr.ª D. Alice agradeceu, fazendo a historia da Sociedade e congratulando-se pelos beneficios que ella tem produzido, accrescentando que aquelle dia lhe ficaria gravado no coração, bem como a medalha ficaria sendo o seu mais precioso thesouro.

Fizeram tambem uso da palavra os srs. drs. Manuel Alves Granjo e Augusto de Castro, que produziram dois bellos discursos provando a utilidade das sociedades protectoras dos animaes, da sua acção moralisadora e fecunda, combatendo os actos de crueldade para com aquelles que auxiliam o homem nos trabalhos mais violentos da vida.

A sociedade fez distribuir n'essa sessão diversos premios pecuniarios a dois guardas civis, um cabo e um chefe de esquadra, e a outros individuos por bom tratamento dado aos animaes.

Os premios foram entregues pelos srs. desembargador Ribeiro, general Cibrão, commissario geral de policia, D. Alice Hulsenbos, Madame Borges de Vasconcellos, D. Henriqueta d'Oliveira, D. Helena Delaforce, D. Helena Jones, D. Maria Pimenta e Silva Leal.

Terminada a sessão foi tirado o grupo photographico que reproduzimos, indo em seguida a direcção inaugurar os marcos fontenarios, um na praça da Batalha e outro na praça de Carlos Alberto, sendo este ultimo tambem assumpto de uma das nossas gravuras.

A direcção da Sociedade Protectora dos Animaes do Porto, distinguiu o nosso collega sr. Silva Leal, com um jantar de honra, para significar o seu reconhecimento á Sociedade Protectora dos Animaes, de Lisboa.

NA CEIFA

São lindas as cearas com seu verde tenro e seu ondular murmurante, como vasto oceano que o vento agita em ondas sussurrantes.

Ellas nos alegram; ellas nos entristecem, se o tempo lhe corre favoravel, se lhe corre contrario.

E n'essa duvida nos deixam até que o sol mais desce e vae dourando suas espigas.

Então o verde tenro se transforma em ouro luzente, e ouro ellas valem; é o pão por que todos trabalham e luctam.

Começa a ceifa, reina a alegria. E' preciso enceleirar antes que venham as chuvas. Homens e mulheres se empregam na faina.

O sol a pino. O calor abraza; mas o trigo está de ouro; é ceifar, ceifar e emmolhar. Não trabalham menos as mulheres que os homens. Ellas cantam, os passaritos respondem-lhes em bandos que se levantam d'entre os trigaes que as ceifeiras vão invadindo. Ellas cantam, custa-lhes assim menos a tarefa. Nos seus cantares vive a musa dos campos toda feita da poesia da natureza. O sol ardente purpura-lhes as faces; ellas é que são agora as papoulas d'aquelles trigaes dourados.

E assim animadas segam mais que os homens. O que lhes falta em forças, sobeja-lhes em vontade. Pelo que, «mais faz quem quer do que quem póde.»

EUGENIO DA SILVEIRA

Vão deccorridos já tres mezes depois que esteve em Lisboa o nosso amigo e collega sr. Eugenio da Silveira, talentoso e distincto proprietario da *União Portugueza* do Rio de Janeiro, que,

EUGENIO DA SILVEIRA

depois de oito annos de ausencia no Brazil, veiu de visita á sua terra natal afim de matar saudades da patria e dos amigos que deixára aqui, e revigorar-se de alento para proseguir na sua tarefa.

Este registro que a agglomeração de assumptos obrigados, sempre n'um *crescendo* imprevisto, tem impedido o haver sido dado no «Occidente» com maior opportunidade, é d'aquelles que não deviam deixar de constar d'esta revista, não só por se tratar do proprietario e redactor de um jornal bastante conceituado em todo o Brazil, mas porque são grandes os serviços que o sr. Eugenio da Silveira ali tem prestado n'esses oito annos ao commercio e á industria de Portugal.

Desejariamos incluir n'esta simples referencia algumas notas biographicas do distincto jornalista, porém, a sua muita modestia fez com que não as podessemos obter, nem de sua informação pessoal, nem colhidas de qualquer outro jornal ou livro.

A mesma photographia que reproduzimos, devemol-a á amabilidade dos seus amigos particulares, srs. João Gomes da Costa e Arthur de Mello, este ultimo redactor do *Diario* e seu companheiro de trabalho durante muitos annos.

Conhecemos o sr. Eugenio da Silveira occupando o logar de redactor do «Seculo» desde a sua fundação, logar que o vimos abandonar em setembro de 1895, para ir em busca de mais largo campo onde a sua actividade se podesse exercer em maior latitude.

Um homem de Estado que o acompanhára ao embarque do vapor que o deveria conduzir ao Rio de Janeiro dissera-lhe:

— Sr. Silveira, procure estreitar no Brazil os laços de cordeal fraternidade com a nossa terra e terá prestado um relevante serviço.

Não esqueceu estas palavras.

A obra do sr. Eugenio da Silveira tem sido, especialmente, consagrada a cumprir a recommendação do illustre estadista que lh'a havia feito.

Fundando no Brasil a *União Portugueza*, um jornal modêlo de seriedade e de independencia, que desde logo occupou um dos primeiros logares na imprensa fluminense, o sr. Eugenio da Silveira procurou servir com elle a sua patria, advogando os interesses do commercio e da industria, portuguezes, levantando nos mais sublimes esforços os seus creditos e a sua fama, n'uma propaganda sincera, firme e desinteressada.

Não se limitou, porém, o distincto jornalista com o genio irrequieto e emprehendedor, a vontade pertinaz e inquebrantavel, que são os seus mais fundos traços caracteristicos, a bem administrar o jornal ou a dirigil-o nos assumptos de mais directo interesse para a redacção, porque ao mesmo tempo que ia até aos ultimos confins da republica brazileira lançar a *União Portugueza* o seu desejo insaciavel de saber e o seu fino instincto de observador, tornavam-o familiarisado com a situação em que o elemento portuguez ali se encontra, e como, facilmente, Portugal póde ter na promettedora Republica muito maior expansão.

D'este estudo tirou o sr. Eugenio da Silveira bases para uma interessante conferencia dedicada ás associações de commercio e industria de Lisboa, e que se realisou nas salas da Associação Commercial de Lojistas na noite de 17 de abril.

A essa conferencia escutada de todos com um grande interesse e anciedade assistiu um auditorio selecto, vendo-se ali não só os primeiros elementos commerciaes da nossa praça, como até dois ministros de Estado honorarios, os srs. conselheiros Dias Ferreira e Bernardino Machado.

Foram interessantissimos os topicos em que o illustre conferente baseou a sua these: *Valor e importancia da colonia portugueza no Brazil e sua influencia na economia, commercio e industria de Portugal*, e d'ella deduziu a prova de como da juncção de todos os elementos com que a nossa industria e o nosso commercio ali contam por intuitiva sympathia, poderiam essas duas importantes classes tirar maior partido, obtendo a expansão que o commercio e a industria estrangeiras estão ali dia a dia, hora a hora a luctar por adquirir.

Esta conferencia foi um relatorio sucinto, claro, evidente, da importancia que Portugal tem em todo o Brazil, um estudo interessantissimo baseado em notas estatisticas, em dados certos dos generos de nossa importação pelas alfandegas brazileiras, e até a historia curiosa das contrafacções de marcas, de que os estrangeiros se servem para deprimir os nossos generos e desacreditalo-os.

Sobre todos os pontos de vista o trabalho do sr. Eugenio da Silveira deu-nos bem a demonstração do grande coração patriotico que pulsa n'aquelle peito portuguez, e do valioso auxiliar que nos póde ser um homem da sua envergadura, dispondo do seu talento, dos vastos conhecimentos adquiridos nas suas viagens pelo Brazil, da sua illustração e da sua força de vontade, tendo de mais a mais á sua disposição um jornal orientado dos mesmos principios e das mesmas idéas protegendo e defendendo o commercio e as industrias da sua patria.

O que o sr. Eugenio da Silveira póde ser no Brazil para essas duas importantes classes d'onde dimanam os maiores elementos de riqueza para o paiz ha de dizel-o o futuro, se, seguindo os conselhos que o vimos expor n'essa notavel conferencia, as industrias e o commercio portuguezes se lançarem n'um caminho de séria lucta, combatendo os attrictos que lhe criam a todo o momento as industrias e o commercio estrangeiros e poderem alcançar o logar a que tem justificado direito nos mercados do Brazil.

Julio Rocha.

AMORES DE VIRGILIO

(LEWAL)

(Concluido do n.º 882)

Niza cresceu, e para ella já não é muito agradavel um offerecimento de avesinhas. O poeta afflige-se; conhece que estes presentes são insufficientes, e que Iola seria mais feliz do que elle, se com dadivas se conquistasse o coração da sua amante.

Iola é seu rival. Este nome é para elle como

«Lançar o vento sul no meu jardim!
Levar o javali á fonte pura!»

(Ecloga, 2.ª)

Sob a influencia d'estas sinistras apprehensões, um raio de luz de phylosophia sceptico allucina o espirito de Virgilio, em quem são muito raros taes exemplos.

A' infidelidade quer oppor a inconstancia; para se vingar dos desdens que seu amor experimenta, pensa em dar-lhe um outro.

«Se Alexo te despreza, outro acharás.»

(Ecloga, 2.ª)

Mas este projecto não tinha a facilidade d'execução que imaginava uma natureza tão profundamente, tão sinceramente terna, como a de Virgilio. Não foi por diante, e conservou-se fiel aos seus primeiros compromissos.

Desde então não lhe foi possivel dissimular que já não era amado, e esta cruel certeza não poude abafar a sua paixão. Lutando contra as exigencias do amor natural, trata, conforme o preceito de Platão de transformal-o em amor espiritual. Mas seus esforços são impotentes. A paixão, que o devora, domina a sua razão. Essa paixão se manifesta n'aquella pagina ardente, em que está

Sociedade Protectora dos Animaes, do Porto

MEDALHA D'OURO CONFERIDA A D. ALICE HULSENBOS

Cabral Borges-Alfredo Rosas-Alfredo Silva-Silva Leal-Oscar Pimenta-Dr. A. Castro D. Helena Delaforce-Dr Moraes Carvalho
(DIRECTOR) (THESOUREIRO) (SECRETARIO) (Secretario da Soc. de Lisboa) (SECRETARIO) (DIRECTOR) (DIRECTORA) (COM. GERAL DE POLICIA)
Moura Sá (DIRECTOR)
D. Helena Jos (DIRECTORA)
Luciano Cibrão (GENERAL DE DIVISÃO) Silva Pimenta (PRES. D' SS. GERAL) Dr. Adolpho Pimentel (GOV. CIVIL) Visconde de Guilhomil (PRES. DA DIRECÇÃO) D. Alice Hulsenbos (FUNDADORA DA SOCIEDADE)

SALA DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO, ONDE SE REALISOU A SESSÃO SOLEMNE

pintado o amôr em todos os seres. Ninguem pode furtar-se a esta lei, tal é a conclusão do poeta. Um mesmo amor teme todos os animaes.

> ..... Amor omnibus idem
> (Georg. liv. 3.°, v. 244).

O estudo da natureza lhe mostra a inanidade da theoria platonica, e a impossibilidade de regular um sentimento ingovernavel por essencia. Por isso conhecendo que toda a resistencia era inutil confessase vencido.

> «Que é sempre o amor vencedor,
> E nós vencidos do amor!»
> (Ecloga, 10.ª)

As maguas, mais que os prazeres do amor tinham aggravado o estado de sua saude, já enfranquecida, e incutindo no seu espirito uma profunda melancolia.

> «Igual flagello é o amor
> P'ra o rebanho e p'ra o pastor.»
> (Ecloga, 3.ª)

Dante, pelo mesmo motivo, chegou a uma identica situação. Eis o que elle diz: «Ond'io divenni in picciolo tempo poi di si frale e debole condizioni, che a molti amici pesava della mia vista: ed io rispondia loro che Amore era quegli che cosi m'avea governato». O estado de fraqueza e debilidade a que em pouco tempo cheguei, foi talque causava dó a muitos dos meus amigos que me viam; e eu lhes respondia que o amôr era quem me havia reduzido a este estado.

(*Vita nuova*)

O poeta passava uma vida triste e inconsolavel e olhava com indifferença para o renome que de dia a dia o elevava. Os louvores e as corôas não mitigavam as affeições do seu coração. Resignado, mas não consolado, ainda lhe sorria uma ligeira esperança, quando um novo golpe veio dissipar as suas ultimas illusões.

MARCO FONTENARIO DA SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAES INAUGURADO NA PRAÇA DE CARLOS ALBERTO

Niza entregou-se a outro. Por mais disposto que estivesse para este golpe, sempre o casamento de Niza o havia d'atormentar. A principio o mesmo excesso da dôr o adormece um pouco.

«Em quanto que eu, enganado,
Oh dura sorte inconstante!
Por aquelle indigno amor
De Niza, da minha amante,
Me sinto morrer de dôr.»

(Ecloga, 8.ª)

Mas depressa o seu desespero irrompe:

«Niza a Mopso se foi dar!...
— O que é que nós os amantes
Não deveremos esp'rar?!»...

(Ecloga, 8.ª)

Que seja o amor vejo-o agora!

Nunc scio quid sit amor!...

(Ecloga, 8.ª)

O grito parte do coração. Que prantos não seriam os seus! Quem melhor do que o cantor immortal poderia descrever n'este momento as afflicções, os tormentos que o assaltaram? E de feito vamos encontrar seus lamentos na bocca de Dido abandonada, como um écco da immensa dor do poeta. Oh! que verdade n'estes accentos, n'estas imprecauções, n'estes furores insensatos, n'estes delirios do desespero, n'esta explosão de indignação pelo amor trahido! E se esta passagem cheia de colera e de lagrimas é tão commovente, tão naturalmente verdadeira, é porque o escriptor experimentou as mesmas torturas e sentiu as mesmas angustias; é porque estes gritos estas imprecações eram as mesmas que Virgilio tinha proferido no dia das nupcias de Mopso.

Depois da traição de Niza, da quebra das suas affeições e do desvanecimento do sonho de sua vida, elle percorreu o circulo inteiro da paixão. Que seja o amor vejo-o agora: *Nunc scio quid sit amor!* O caracter do poeta com estes soffrimentos moraes e physicos tornou-se sombrio, D'ora avante não cantará mais a felicidade do amor.

Da sua lyra só se ouvem accentos tristes, suspiros e saudades. Seu coração fica inconsolavel:

«Taes cousas ao amor não dão cuidado,
Que não saciam prantos de quem ama
A crueldade do amor; assim á relva
Jamais as aguas, a correr, saciam,
Como á abelha o cytiso, e á cabra a selva.»

(Ecloga, 10.ª)

A partir d'esta epoca uma mudança se opera na existencia de Virgilio. Seu genio modifica-se egualmente.

Ferido seu coração, abandona completamente Mantua, foge das margens tão queridas do Mincio, e dos sitios que tanto amava.

Deixa-os para nunca mais os tornar vêr. A perspectiva d'estes logares, confidentes das delicias da primavera dos seus dias, por certo deviam ter-lhe causado penas muito amargas. Fixa a sua residencia em Napoles, e passa o resto da sua vida, ora n'esta cidade, ora em Roma e na Sicilia.

Trad. *Lino J. F. da Costa.*

NA CEIFA

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

—

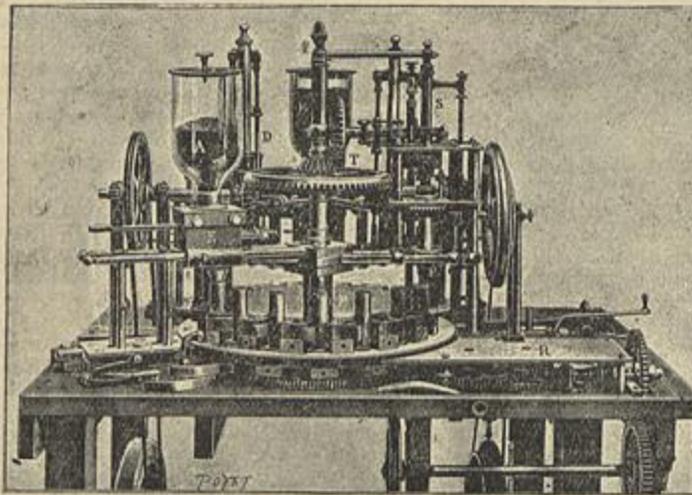
PARTE I

A GRAVIDADE

—

VIII — INERCIA

(Continuado do n.º 876)

Por meio de uma alavanca R, cada cartucho vem collocar-se, successivamente, sob um reservatorio contendo polvora A, um buchador, um reservatorio contendo chumbo B, outro buchador, e, finalmente, sob um engaste SE, continuando o prato circular, a sua rotação, até chegar ao operador, onde o cartucho já cheio, é substituido por outro vasio que se vae sujeitar ás mesmas operações. A quantidade de polvora, para cada cartucho, é doseada por meio de um parafuso que permitte affastar ou approximar as paredes da cavidade E, a qual termina por duas laminas (H, L) furada em um dos lados, e actuando cada uma d'ellas, sobre uma alavanca (H', L'), de modo tal que, se H permitte o accesso da polvora, L encontra-se vedada. Quando o cartucho attinge a posição C, as duas laminas tem movimento inverso; fecha-se o reservatorio A, emquanto L abre a passagem á polvora que cabe no cartucho. Este passa em seguida, ao buchador S (fig. 21 - n.º 2); a péça D collocada na extremidade inferior de uma cremalheira exerce pressão na polvora e acama-a. Para a distribuição do chumbo adopta-se um processo analogo. Passando o cartucho pelo segundo buchador, segue se o engaste que se faz por meio da peça F, applicada á boca do cartucho. Uma mola faz com que F adquira a pressão necessaria para esmagar o cartão. A alavanca V opera sobre a roldana T que dá movimento de rotação á haste onde está ligada a peça F.

V) Calendario mechanico - Servindo-se de 5 rodas e 9 alavancas, Jagot construiu um novo calendario mechanico. Uma roda motora A completa uma volta em 24 horas; esta tem, na sua circumferencia, duas saliencias, B e B', levantando esta ultima, á meia noute de cada novo dia, a lingueta C', a qual permitte que a roda D de 7 dentes, avance um dente, ao mesmo tempo que retem C. Pelas duas horas da madrugada de cada dia, a lingueta C é levantada pela saliencia B, suspendendo-se o movimento de C'. W é a roda dentada das datas, a qual avança um dente por cada $^1/_7$ de avanço da roda D. A alavanca H gira em torno de um eixo, sustentando uma haste J que, no fim de cada mez, vae de encontro a uma das faces, (K) da roda que indica os mezes; (T). esta roda tem doze faces desegualmente distantes do centro, consoante os dias que cada mez possue. Quando a haste J vae de encontro a uma das faces da roda T, a alavanca H actua no sector I, transmittindo-se o movimento, por meio de P, á lingueta Q, que mantem os dentes da roda W. Em R, existe outra lingueta que prende em *q*, a peça Q. Na roda W, existe uma cavilha G, que faz com que a roda, liberta de Q, levante a peça S', de modo que a roda indicadora dos mezes, avança $^1/_{12}$. Marcando a roda W o primeiro dia de cada mez, um dente prende R, em r, e a lingueta Q, prende, de novo a roda W. A roda M tem 8 dentes, cumprindo uma revolução completa em 4 annos, actuada pelas duas saliencias L, L' da roda T. Em N, N', existe um braço com um plano inclinado que, no dia 1 de Fevereiro, de 4 em 4 annos, gira vertical á parte inferior da roda M. Em O, vemos uma face da roda T que prende a haste J, no dia 29 de Fevereiro. Em V, ha uma saliencia da roda M, actuando todos os 4 annos, na roda V, de 25 dentes, que completa uma revolução em 100 annos. A alavanca zBZ tem um sector (z) de face helicoidal, mais delgada na parte superior, appoiando-se sobre o eixo de M, movel de deante para traz. Na roda X, existem 4 braços collocados na parte de traz da roda V, e na roda Y, apenas tres braços. O ponto N, é fixo. A cada revolução de V, encontra-se um braço de Y, d'onde resulta um deslocamento de $^1/_4$ de revolução para as rodas X e Y. Em Z, um contrapezo mantem o sector z, appoiado no eixo da roda M, levantando, durante 3 annos seculares successivos, um braço de Y, de modo que M, avança um dente. O braço N' não exercendo acção em T', o dia 28 de Fevereiro é-nos indicado durante tres annos seculares successivos não bissextos. No anno seguinte, a roda não apresentando braço algum, o dia 29 de Fevereiro é-nos indicado, no calendario, immediatamente depois do dia 28, e não o dia 1 de Março, como nos outros annos succede.

O pezo 1 deve ser regulado todos os 15 dias, e o pezo 2 faz com que a roda W indique o primeiro dia do novo mez. Dois volantes com pequenos tambores manteem as cordas dos pezos 1 e 3, a fim de diminuir a velocidade da sua queda.

Os ascensores mechanicos machinas de coser, apparelhos industriaes, etc., são outras tantas applicações dos principios de mechanica. Abster-nos-hemos de descrever toda a serie d'esses apparelhos, que nos daria margem para um grande desenvolvimento d'este assumpto, o que é contrario á indole do nosso trabalho.

Fig. 20 — Machina para fabricar cartuxos de polvora para caça

Fig. 22. — Schema do calendario mechanico

Fig. 21. — Detalhes da machina de fabricar cartuxos de polvora para caça

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

Algumas noticias de archeologia, arte e historia Portuguezas

A «LISBOA ANTIGA»

O acontecimento de maior e mais capital importancia para a historia patria e para a archeologia nacional, occorrido no começo d'este anno de 1903, é, sem duvida o apparecimento d'esta obra monumental, cujo primeiro e segundo volumes acabam de sair dos prelos da antiga casa editora Bertrand do Chiado. A *Lisboa antiga* do sr. Julio de Castilho, apparece n'uma segunda e formosa edição, completamente refundida, recheiada de novos e interessantes pormenores e noticias ácerca da nossa encantadora capital. Estes livros são o mais primoroso e util monumento erigido pelo amor patrio, pelo bom gosto artistico, pela superior orientação e aporfiado estudo do seu auctor á velha cidade dos seculos que passaram, cuja vida, cujos habitantes, edificios, costumes e tradições resurgem aos olhos do leitor enthusiasmado, nos bellissimos quadros, nas pinturas brilhantes com que o auctor as desenha, n'uma successiva serie de capitulos cheios de interesse e de vida.

Do auctor nada é já necessario dizer. Quem ha ahi, a quem sejam mais ou menos familiares as lettras patrias, que desconheça esse escriptor aprimorado e culto, em quem, caso extranho e não vulgar, se reunem as mais altas qualidades de artista e de poeta de fino quilate, á profunda, aturada, paciente e erudita investigação de archeologo e de historiador. A' gloriosa herança do nome de uma antiquissima familia de artistas, de sabios, de poetas, junta o sr. Julio de Castilho as virtudes de um caracter diamantino e os altos

VISCONDE DE CASTILHO

dotes do seu merito pessoal; e umas e outros fazem com que, honrando e perpetuando as illustres tradições de insignes avós, concite em volta do seu nome a admiração e a estima dos espiritos cultos, e até diremos, sem perigo de que nos acoimem de exaggeros de paixão ou de reconhecimento, a verdadeira adoração dos que mais de perto teem a subida honra de o conhecer.

Tendo manejado com rara pericia a poesia, o drama e o romance, o sr. Julio de Castilho, no seu ininterrupto labor, planeou e elaborou com a mais acrisolada dedicação, duas obras monumentaes, ambas geradas no entranhado amôr que dedica á consagração da memoria gloriosa de seu egregio pae o Visconde de Castilho. Estas duas obras estão felizmente em via de uma publicação definitiva, revista e completamente refundida pelo auctor.

A primeira d'estas é a intitulada *Memorias de Castilho*. Tem sido publicada no *Instituto* de Coimbra e vae, por esta sapiente corporação scientifica, ser dada á estampa, em edição separada, como preito da mais justa homenagem á celebração centenaria do grande Poeta portuguez e ao inappreciavel merito da propria obra, na qual pode dizer-se se vê desenhada, em soberbos quadros intimos, a vida social e litteraria da familia portugueza nos tres primeiros quarteis do seculo XIX.

Homens e acontecimentos, com as mais frisantes noticias e anedoctas, tudo alli se lê n'aquellas paginas da mais elegante e vernacula prosa.

A outra obra, de não somenos valia, é a *Lisboa Antiga*, cuja reedição agora encetada constitue uma gloria para a casa editora, já afamada pelas velhas tradições dos antigos proprietarios, os Bertrands, e um facto de capital interesse para a cidade de Lisboa, tanto como para a historia da arte e dos costumes portuguezes.

Não é a *Lisboa antiga*, como muitos talvez supponham, um pesado e indigesto tratado de archeologia, em que só se estuda, com a profundeza dos processos de investigação a estructura da velha cidade analysada pedra a pedra, lettra por lettra das suas inscripções, embrenhando-se na enfadonha discussão de as interpretar. Não é em suma o velho livro do frade erudito, ou do chronista minucioso, que o leitor, salvo raros casos de necessaria investigação, lê com reluctancia e mal reprimido enfado, ou fecha aborrecido e desgostoso. A *Lisboa antiga* não é absolutamente nada d'isso. E' a obra d'um artista. E' a poesia da archeologia. A cidade velha, com seus paços rendilhados, suas torres e cubellos ennegrecidos pelo tempo, seus miradouros e terrados, suas praças ridentes e soalheiras, seus alegres pregões, suas usanças, procissões e festas, com seus templos garridos ou sevéros, com os seus artistas, os seus typos populares, os seus homens queridos da multidão anonyma, tudo alli revive, tudo se nos apresenta em quadros animados, expressivos, mas rapidos, elegantes, cheios de um vago perfume, encantadores e attrahentes. E' curiosa a razão do livro, como o auctor a refere. Das *Memorias de Castilho* nasceu esta obra prodigiosa Da investigação feita acêrca da casa onde em 1800 nasceu o poeta portuguez Antonio Feliciano de Castilho, na rua da Torre de S. Roque, no Bairro Alto, (casa consagrada em 1900 pela camara com uma lapide commemorativa do facto) nasceu o inquerito áquelle bairro, o qual, dia a dia mais avolumado, constitue esta primeira parte da obra, que ora temos presente.

As ruas do Bairro Alto, as suas curiosas origens, os seus primitivos fundadores, os seus templos, os passeiantes, os trajos e costumes dos tempos passados, os edificios da mais remota origem, o Carmo, a Trindade, S. Roque, tudo alli se nos desenha pela penna e pelo lapis. Ao lado da narrativa romantica e sempre verdadeira, o lapis e o pincel do artista muitas vezes auxiliaram a edição. Os retratos de egregios personagens, antigas e contemporaneas, as vistas antigas da cidade e dos seus edificios, tudo se casa admiravelmente n'esta bella edição, que nada destoa das mais formosas e nitidas edições illustradas de obras similares extrangeiras.

Ao sahir a primeira edição d'esta obra, Camillo Castello Branco, dedicando-lhe nos *Narcoticos* um capitulo de apreciação litteraria, dizia, em 1882:

«Os livros do sr. visconde de Castilho são uns como queridos amigos e conversadores, que nos visitam de longe a longe. Quem assim escreve, com tão pausada reflexão, não pode amiudar as visitas; mas em cada livro, dá aos seus admiradores o redobrado goso de os reler... *Lisboa Antiga* é leitura de captivar os doutos e os frivolos, ensinando e deleitando... Preciosissimo livro, que dá a norma deescrever obras d'esta especie sem obrigar o leitor a grandes preparatorios de erudição para os saborear» ![1]

A Camara Municipal de Lisboa, que está prestando um serviço, mui apreciado ainda, com a publicação dos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, comprehendeu e aquilatou com o mais acertado criterio a valia da *Lisboa antiga*, lançando nas suas actas um voto de louvor ao auctor de tão importante trabalho.

Mais e muito mais merece da cidade aquelle que tão alto tem mostrado o seu apaixonado amor por tudo o que lhe diz respeito, e que n'estes livros, fructo do labor paciente e incessante de muitos annos, numa tarefa improba, ingrata, sem remuneração nem interesses materiaes, antes com o sacrificio de dispendio e de saude, tem ido amontoando sabiamente e dispondo com a pericia de um grande artista, o mais persistente, perduravel e valioso de todos os monumentos da cidade, a narração pormenorizada da sua vida historica, em quadros dramatizados, vivos, scintillantes de verdade e de poesia.

Como lisboetas, como patriotas, como sectarios do culto do ideal e da arte, saudamos a apparição d'esta obra notabilissima e registamos aqui, como é para desejar que o registem todas as revistas e todas as corporações scientificas e litterarias, este notavel exemplo do mais puro patriotismo.

Abril, 1903. *Victor Ribeiro.*

[1] *Narcoticos*, tomo II, pag. 289.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 883)

— Olha lá, Estevam, tu que edade tens? perguntou uma noite, tomando ás escuras pelo Estevam, a Maria que vinha entrando.

Esta, não se atreveu a falar e acendeu a luz.

— Ah! sim! o Estevam morreu! Devia rastejar pelos sessenta, coitado, e eu d'aqui a duas semanas tel-os-hei ás costas, e ir-me-hei marchando, tambem.

A Maria coxinha que, por sua vontade, haveria arriscado umas palavrinhas de consolação, desatou a chorar.

— Não ouves, exclamou erguendo-se da cadeire, o cão de guarda a uivar? Está agoirando a minha morte. Não ouviste um estrondo muito forte? Alguma parede a desabar, mais outro signal a agoirar a minha morte; dentro de duas semanas, desaba de uma vez a casa, e eu terei marchado d'esta para melhor.

Não se ouvia o cão a uivar, mas na ala opposta do edificio ruira effectivamente, o tecto de um aposento. A Maria coxinha, de joelhos, rezou toda a santa noite, pedindo a Deus, que não deixasse desabar a casa, e ao mesmo tempo que conservasse ainda por largos annos a vida ao seu amo e senhor. O proprio Radnothy orou, e no dia immediato tomou a Sancta-Uncção. Tão arreigada tinha a convicção em como se finaria dentro em duas semanas, que effectivamente nos ultimos dias da segunda, entrou a sentir-se mal, despiu-se e preparou-se para morrer.

A Maria coxinha, assustada, quiz sahir do quarto, quando viu o amo a despir-se.

— Não te affastes, onde ias tu a correr?

— Chamar um medico, meu senhor!

— Pois bem, vae-me chamar o meu, o antigo, não que eu o necessite, mas era essa a vontade de Estevam.

— Sim, meu senhor.

— Espera ahi, o Estevam recommendou-te mais alguma coisa.

— A respeito da chave...

— E' isso mesmo. Abre aquella gavêta, tira para fóra aquelle maço volumoso de papeis, esconde-o bem escondido e só o entregarás ao reverendissimo bispo... Espera ahi, não tenhas pressa... ahi tens um ducado, é quanto tenho, poupei-o para ti, compra um lenço para a cabeça, em logar d'aquelle, deves de estar lembrada, que a menina Elsbeth t'o rasgou, e que minha esposa que Deus tem, te havia comprado ha dois annos. — E dito isto, voltou-se para a parede, adormeceu e não mais tornou a acordar.

O venerando facultativo e o digno bispo vieram encontrar apenas um cadaver. Effectuou-se o enterro, á ordem do prelado, em conformidade com a vontade expressa do defunto. Foi mettido no caixão de nogueira, revestido de um trajo de gala ao modo hungaro, e o caixão deposto sobre uma eça. Compareceram tres ecclesiasticos, um para ficar orando na mansão, outro na egreja, e o terceiro para rezar na crypta, o officio de corpo presente.

Os estudantes de Basarkely sobre ô Maros, revezavam-se de manhã até á noite, no côro. Armaram de pannos negros a sala de jantar, e sobre a tampa do caixão pregaram um escudo heraldico, pintado. A Maria coxinha espargiu sobre o ataúde as primeiras flôres da primavera e para ali se conservou todo o dia ajoelhada. Chegou finalmente o dia do enterro. Era em uma formosa tarde de primavera, fulgia o sol, e as cotovias pipilavam alçando o vôo. Pela volta das quatro horas dobraram os sinos, accorreu o povo, entoaram o officio funebre, carpiram as velhas e os homens falavam baixo entre si, encarecendo os predicados do defunto. Eis que de subito se ouve um solluço abafado; miraram todos. Era a Maria coxinha a chorar, motivo pelo qual a governanta a admoestou, segredando-lhe ao ouvido:

— Vê se te calas, meu sapo côxo, não estejas a estorvar o serviço funebre! E surgiu um estorvo, com effeito, mas não por culpa da Maria coxinha. No acto em que o ecclesiastico havia terminado a encommenda do corpo, e principiavam a pregar outra vez o caixão, eis que irrompe o simplorio do zagal dos Bufalos, clamando que a casa se achava cercada por gendarmes, e que estes intentavam prender o fidalgo. E assim era com effeito. Radnothy perdera o processo, e fôra pronunciado e condemnado a alguns annos de prisão pelo facto de ter armas escondidas, de haver perturbado a publica tranquillidade, e insultado em seus escriptos as auctoridades. O seu advogado já não podia addiar-lhe por mais tempo a ordem de prisão; vieram a saber que se não achava enfermo, e n'essa conformidade mandava-se prender. Se porventura fosse vivo, ainda o mallogrado castellão, haveria sem duvida protestado contra uma tal sentença; morrêra, pois a tempo, sequer ao menos não passava pelo vexame de ser levado através da aldeia, no meio de uma escolta, e isto aos olhos dos seus antigos vassalos.

(Continúa) *M. Macedo (Pin-Sel).*

NECROLOGIA

O VISCONDE DE ARNEIRO

Por occasião de se dar em S. Carlos a opera *Derelitta*, do illustre maestro o visconde de Arneiro, O OCCIDENTE publicou o retrato d'esse notavel compositor, dando a um tempo as notas biographicas e referindo os successos da sua carreira artistica até essa data.

Foi o n.º 225 do OCCIDENTE, de 21 de Março de 1885, que inseriu essas notas na opportunidade de um facto glorioso para a arte portugueza e para o nome já consagrado do inolvidavel artista.

Hoje como é differente a nossa missão.

Esse bello talento musical, esse descendente de uma familia de artistas, que aliou ao brazão de nobreza outro brazão não menos nobre, o das conquistas do seu genio, falleceu em San Remo, França, no dia 7 do corrente.

Esta laconica noticia que o telegrapho nos transmittiu, e nos surprehendeu por inesperada, causou a todos que prezam a arte e tinham pelo visconde de Arneiro uma sincera admiração, o mais profundo pezar.

Com a sua perda, a nova opera em que trabalhava havia alguns annos, *Don Bibas*, e que destinava a um dos principaes theatros de Italia, ficará talvez sem ser ouvida.

Desde que o visconde de Arneiro deu no nosso theatro de S. Carlos o seu ultimo trabalho, retirou-se para o estrangeiro, a cuidar da educação artistica de sua filha adoptiva Mary de Arneiro, que, segundo nos informam, é já uma das cantoras mais notaveis dos nossos dias.

O visconde de Arneiro desde a sua infancia revelou dotes que logo fizeram antever o brilhante logar que lhe estava reservado ao lado dos mais brilhantes compositores musicaes.

Terminados os seus estudos evidenciou-se um pianista de grande merito, e, dentro em pouco, representava-se a sua primeira opereta *A questão do Oriente*.

A este trabalho seguiu-se uma missa a quatro vozes, a orgão, a novena a Santo Theotonio, um *Te-Deum* e a *symphonia-cantata*.

Em maio de 1876 deu-se em S. Carlos a audição da opera *Elixir da Juventude*, que obteve um exito dos mais lisongeiros, e na temporada lyrica seguinte foi cantada em Milão, no theatro *Dal Venre*.

Seguiu-se a esta a opera *Derelita*, de que falámos acima, e cujo libretto de Paravacini, de intensas situações dramaticas, deu margem a que o illustre compositor podesse manifestar em maior grau as notaveis aptidões do seu genio artistico.

A opera *D. Bibas*, que nos dizem ter ficado concluida, e que é feita sobre um libretto tirado do *Bobo*, de Alexandre Herculano, é um trabalho d'uma composição grandiosa, e digno de ser equiparado ás melhores obras do genero.

VISCONDE DE ARNEIRO
FALLECIDO EM 7 DO CORRENTE

Pena é que a sua morte nos inhiba de poder apreciar esse bello trabalho, pois, estamos certos que, apezar das grandes despezas de *mise-en-scene*, que essa opera demanda, o actual emprezario de S. Carlos não desdenharia incluir no seu reportorio a opera do visconde de Arneiro, que sobre todos os attractivos ainda tinha a recommendal-a o ser assumpto de um dos trabalhos mais notaveis do grande historiador portuguez!

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bilhetes postaes illustrados.— O sr. Faustino Martins, acaba de distinguir o OCCIDENTE incluindo na sua primorosa collecção de bilhetes postaes illustrados o *fac-simile* da 1.ª pagina d'esta revista no seu n.º 820, a que addicionou o retrato do nosso director artistico e proprietario sr. Caetano Alberto.

Agradecemos a gentil lembrança do conceituado philatelista, incluindo O OCCIDENTE nos trez jornaes que por emquanto, reproduzia na sua artistica collecção, sendo os outros dois *O Diario de Noticias* e o *Seculo*.

O sr. Faustino Martins está primando na escolha dos assumptos para a sua collecção de bilhetes postaes illustrados, que a tornam digna de figurar nos albuns dos mais distinctos colleccionadores.

Felicitando-o indicamos ao publico o seu estabelecimento, que é na Praça de Luiz de Camões, 35.